

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

NATÁLIA FERNANDA SANTOS DE OLIVEIRA

**A ALGORITMIZAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS E DE PODER
SOB A ÓTICA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS**

SÃO PAULO

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

NATÁLIA FERNANDA SANTOS DE OLIVEIRA

**A ALGORITMIZAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS E DE PODER
SOB A ÓTICA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em
Relações Públicas, apresentado ao Departamento de
Relações Públicas, Propaganda e Turismo.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Carolina Terra

SÃO PAULO

2024

Nome: Oliveira, Natália Fernanda Santos de

Título: A algoritmização das relações raciais e de poder sob a ótica das relações públicas

Aprovado em: __ / __ / ____

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

À minha mãe, Ana Paula, que investiu em mim e sempre apoiou os meus sonhos para que eu pudesse me tornar a primeira pessoa da família a cursar o ensino superior.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Carolina Terra, que é uma referência para mim desde que iniciei a graduação em Relações Públicas e me auxiliou na construção deste trabalho.

Ao meu professor orientador de pesquisa, Prof^o Dr^o Francisco Paletta, o qual me acompanha na trajetória acadêmica e me possibilita alçar voos maiores do que pude imaginar um dia.

*Tudo com o que sonhamos está além do nosso medo.
Ter coragem é pertencer a si mesmo.*

- Viola Davis

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a inteligência artificial (IA) e os vieses algorítmicos impactam as relações raciais e de poder existentes na sociedade sob a perspectiva das relações públicas, problematizando as violências racistas e estruturais produzidas no ambiente virtual com o auxílio de ferramentas de IA. Tal proposta se mostra relevante para refletir acerca das transformações nas relações sociais, partindo de uma sociedade hiperconectada para uma sociedade IAconectada, diante das mudanças comunicacionais e comportamentais geradas pelos modos de produção e consumo de conteúdo na Internet. Além disso, discutiu-se a importância das relações públicas nesse contexto organizacional em um aspecto teórico e com a análise de casos reais. Tal reflexão se faz necessária para conscientizar sobre a importância do uso ético de IA e o papel dos profissionais de relações públicas diante dos novos impasses tecnológicos e sociais.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Racismo; Relações públicas; Viés algorítmico; Ética.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how artificial intelligence (AI) and algorithmic biases impact racial and power relations in society from the perspective of public relations, problematizing the racist and structural violence produced in the virtual environment with the help of AI tools. This proposal is relevant for reflecting on the transformations in social relations, from a hyperconnected society to an IAconnected society, given the communicational and behavioral changes generated by the ways of producing and consuming content on the Internet. In addition, the importance of public relations in this organizational context was discussed from a theoretical point of view and with the analysis of real cases. This reflection is necessary to raise awareness of the importance of the ethical use of AI and the role of public relations professionals in the face of new technological and social impasses.

Keywords: Artificial intelligence; Racism; Public relations; Algorithmic bias; Ethics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Canvas do uso ético dos dados	25
Figura 2 - Investimento das <i>Big Techs</i> em IA ano a ano	34
Figura 3 - Imagem falsa de Donald Trump rodeado de eleitores negros(as) ...	42
Figura 4 - <i>Deepfake</i> criada por apoiadores de Donald Trump.....	42
Figura 5 - Imagens geradas pelo Gemini IA reproduzindo estereótipos racistas... ..	45
Figura 6 - Diferença de fotos de jovens negros e brancos na pesquisa do Google.....	46
Figura 7 - Jogo que simula a escravidão disponibilizado na Google Play em 2023	46
Figura 8 - Avaliações sobre o aplicativo “Simulador de Escravidão”	47
Figura 9 - Figuras criadas pela MetalA com viés algorítmico racista	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ORIGENS E PERSPECTIVAS DO MUNDO TECNOLÓGICO	11
2.1 O que é inteligência artificial?.....	12
3 RELAÇÕES PÚBLICAS NA SOCIEDADE IACONECTADA	17
3.1 As relações públicas e os processos comunicacionais digitais nas organizações	19
3.2 O uso ético da inteligência artificial em Relações Públicas	22
4 AS MULTIFACES E IMPACTOS DO RACISMO NA CONTEMPORANEIDADE	28
4.1 Racismo algorítmico ou algoritmização do racismo?	30
4.2 O racismo moderno no capitalismo informacional.....	33
5 ESTUDOS DE CASO: A IA NO COTIDIANO	40
5.1 Caso 1: o uso de <i>deepfake</i> na campanha eleitoral norte-americana	41
5.2 Caso 2: Gemini IA e racismo algorítmico em imagens geradas por IA	44
5.3 Caso 3: Meta e a criação de figurinhas racistas no WhatsApp	48
5.4 Caso 4: Prisão injusta apontada por reconhecimento facial.....	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51

1. Introdução

A interação é uma característica nata e imprescindível aos seres humanos, que se transforma de acordo com as épocas e suas revoluções. Somos seres comunicacionais por essência e é por meio das trocas sociais que são estabelecidas as formas de se relacionar, aprender, se desenvolver e conhecer o mundo a partir da cultura. Após as grandes revoluções tecnológicas, ocorridas em diferentes momentos históricos, foi possível acompanhar mudanças significativas no modo como as pessoas interagem entre si e com o mundo, sobretudo após a Era da Informação.

Conhecida como a Terceira Revolução Industrial, a transformação técnico-científica-informacional marca o período de avanços tecnológicos a partir de 1950, estendendo-se até a atualidade. Dentre os principais marcos, estão as invenções tecnológicas, como a criação de computadores, chips, robôs, softwares e seus desdobramentos no cotidiano, proporcionando o desenvolvimento de novas fontes de energia, avanços medicinais, aceleração do capitalismo e, sobretudo, a ampliação das comunicações com o advento da Internet e aparelhos eletrônicos.

Com o surgimento da inteligência artificial, esse cenário se intensificou e as transformações passaram a acontecer ainda mais rápido. As interações humanas no ambiente virtual cresceram exponencialmente, bem como o volume de conteúdos na Internet produzidos com IA – segundo o estudo conduzido por pesquisadores da *Amazon Web Services*, atualmente, mais de 57% do conteúdo da internet é gerado por inteligência artificial¹. Ao passo em que a divulgação de informações acontece de forma acelerada, o risco da falta de veracidade e produção de *fake news* também faz parte desse processo.

Além disso, o uso indevido da tecnologia reforça as violências enraizadas na cultura e reproduzidas no ambiente virtual, como o racismo. Também conhecido como cyber racismo, o racismo na Internet evidencia a grave questão

¹ Mais de 57% do conteúdo da internet é gerado por IA, aponta estudo. Disponível em: <<https://exame.com/inteligencia-artificial/mais-de-57-do-conteudo-da-internet-e-gerado-por-ia-aponta-estudo/>>. Acesso em 14 de novembro de 2024.

da naturalização da violência contra pessoas negras na sociedade brasileira, com mais de 45 mil casos de denúncia nos últimos 5 anos².

Conforme explica Tarcízio Silva, “pensar e discutir tecnologias digitais, como plataformas, mídias sociais e algoritmos, exige que se vá além da linguagem textual” (Silva, 2022). Por isso, é necessário entender como o racismo se manifesta nos meios digitais, infiltrando-se na programação das máquinas, nos algoritmos, materializado pelo uso antiético de grupos supremacistas e pessoas mal-intencionadas por meio dos símbolos, imagens, textos e demais conteúdos produzidos, para, assim, combatê-lo.

Sob o aspecto comunicacional, essa realidade se torna uma possível oportunidade para os profissionais de relações públicas pela crescente necessidade de gestão estratégica do relacionamento com *stakeholders* nas organizações e a construção de culturas organizacionais sólidas, possibilitando a ampliação de mercado. Ao mesmo tempo, tais mudanças podem trazer desafios como o sucateamento dos setores de comunicação – fechamento de setor, demissões e/ou falta de verba pela “substituição” com as ferramentas tecnológicas – e a exigência de novas habilidades por parte dos profissionais para se adaptarem aos diferentes cenários.

O seguinte trabalho visa refletir teoricamente sobre as imbricações da inteligência artificial nas relações sociais sob o aspecto racial e de poder. Além disso, pretende-se discutir a importância do uso ético no ambiente digital para fortalecer o combate às violências e informações falsas na Internet.

No capítulo inicial, fizemos um resgate histórico para discorrer sobre o surgimento da inteligência artificial, explicando brevemente suas características e evoluções até chegarmos no mundo tecnológico em que vivemos hoje. No capítulo seguinte, abordamos a temática da tecnologia aplicada às relações públicas, discorrendo sobre a atuação dos profissionais em uma sociedade

² Incitação à violência contra a vida na internet lidera violações de direitos humanos com mais de 76 mil casos em cinco anos, aponta ObservaDH. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/incitacao-a-violencia-contra-a-vida-na-internet-lidera-violacoes-de-direitos-humanos-com-mais-de-76-mil-casos-em-cinco-anos-aponta-observadh>>. Acesso em 14 de novembro de 2024.

complexa, dinâmica, IAconectada e a importância da ética nesse processo. Já no penúltimo capítulo, para além do racismo algorítmico, refletimos sobre a algoritmização do racismo, compreendendo como as diferentes faces do preconceito naturalizadas no comportamento social são incorporadas pelas máquinas, reiterando a responsabilidade humana não só no processo de automação, mas sim no uso cotidiano da IA. Por fim, no último tópico, foram analisados 5 casos reais que demonstram os impactos da inteligência artificial em diferentes cenários, interseccionando raça, poder e tecnologia.

Neste trabalho, nos empenhamos em refletir sobre o papel do profissional de relações públicas e como sua atuação pode ressignificar a comunicação e a compreensão do cenário social complexo.

2. Origens e perspectivas do mundo tecnológico

Apesar da popularização da Inteligência Artificial nos últimos anos com a expansão das *Big Techs*, o termo e o desenvolvimento da tecnologia surgiram muito antes de imaginarmos sua popularização e aplicação nas tarefas diárias.

Data-se que os movimentos da inteligência artificial começaram com a criação dos primeiros computadores modernos de Alan Turing.

Na metade do século XX, com o advento dos computadores e das linguagens de programação, a ideia de inteligência de máquina começou a se materializar. Em seu artigo seminal de 1950, Alan Turing cristalizou ideias sobre a possibilidade de se construir um aparato eletrônico que demonstre um comportamento inteligente e ainda propôs um teste para medir a inteligência de uma máquina que hoje é conhecido como o Teste de Turing. (Barros; Costa; Neri; Rezende; Sichman, 2021, p.30)

De acordo com Tom Taulli, o termo inteligência artificial foi utilizado pela primeira vez em 1956 pelo cientista matemático John McCarthy, durante um seminário que discutia a ideia de como as máquinas seriam capazes de pensar. A partir disso, muitos estudos foram desenvolvidos para compreender como as máquinas poderiam ser usadas além da programação de linguagem computacional, sendo capazes de criar imagens, símbolos e, consequentemente, raciocinar.

Da década de 1950 até 1970, surge o que ficou conhecida como a “Era de ouro da IA” com o desenvolvimento de diversas pesquisas e movimentos tecnológicos ao redor do mundo, sobretudo aplicados nos sistemas computacionais. Nesse período, o receio da população de que a tecnologia conduzisse à perda de empregos resultou na diminuição dos investimentos por parte de grandes corporações, que não queriam ser responsabilizadas por possíveis impactos negativos. Por isso, grande parte da inovação em inteligência artificial ocorreu no âmbito acadêmico.

Em 1980, a revolução da IA se deu com o desenvolvimento de *deep learning*. Na época, o otimismo dos estudiosos em torno dos avanços tecnológicos gerou grandes expectativas, como a crença de que em 2 décadas uma máquina poderia fazer qualquer coisa que um humano pudesse.

Com a chegada do “Inverno da IA”, a desaceleração do entusiasmo no meio acadêmico impactou o desenvolvimento das pesquisas, sobretudo em meio aos testes controlados e limitados. Mesmo diante desse cenário, as evoluções e descobertas continuaram a acontecer, culminando em verdadeiras transformações sociais e organizacionais que seguem acontecendo e mudando o mundo em que vivemos.

2.1 O que é inteligência artificial?

As inteligências artificiais são classificadas de acordo com sua funcionalidade e capacidade intelectual, podendo ser uma IA limitada, geral ou superinteligente. Uma IA limitada ou fraca é baseada em um sistema projetado para solução de tarefas específicas e problemas pré-determinados, como a atuação de assistentes virtuais.

Já uma IA Geral ou forte está associada às propriedades intelectuais das máquinas, como a capacidade de aprendizado, compreensão e raciocínio, semelhante aos humanos. Em tese, uma inteligência artificial geral seria capaz de realizar qualquer tarefa que pudesse ser executada por uma pessoa, com o diferencial de processar um grande volume de dados em segundos. Até o momento, os modelos de inteligência artificial geral estão em desenvolvimento e ainda não existem exemplos aplicáveis no cotidiano.

Por fim, a superinteligência artificial, que existe apenas no campo teórico, é baseada em sistemas com capacidades intelectuais sobre-humanas. Nesse cenário, as máquinas poderiam pensar, socializar, criar e desenvolver-se. Apesar de ainda não ter atingido esse estágio, especialistas demonstram receio pelos possíveis desdobramentos de uma máquina que pudesse agir por si mesma. Conforme apresenta Yuval Harari, “A IA é a tecnologia mais poderosa já criada pela humanidade, porque é a primeira que pode tomar decisões”. Quando falamos sobre o potencial de uma rede, Alexander Galloway (2010) explica que

As redes podem derrubar governos; as redes podem construir novos impérios das cinzas do império antigo; as redes podem usar sua própria conectividade para propagar-se rapidamente em novos espaços [...]; as redes são também muitas vezes

descritas como “fora de controle”; como estruturas que tendem a neutralizar os efeitos dos centros de poder tradicionais. Em suma, redes e hierarquias estão sempre em oposição umas às outras, ao mesmo tempo em que novas soberanias da rede aparecem no cenário. (Galloway, 2010, p. 91)

Em paralelo, existem autores que analisam o cenário em IA de forma positiva, sobretudo atrelado aos aprendizados de máquina

Agora a IA se estabeleceu, conquistando um mercado significativo, impulsionando o progresso e as pesquisas na área. Nesse período, o aprendizado de máquina, especialmente impulsionado pelo aprendizado profundo, revolucionou a IA e atingiu desempenho superior ao humano em várias áreas, do reconhecimento visual de objetos a jogos complexos. Aprendizado profundo é um tipo de rede neural que explora de modo eficaz a enorme quantidade de dados disponíveis atualmente e grande poder e velocidade computacionais das máquinas modernas. (Barros; Costa; Neri; Rezende; Sichman, 2021, p. 61)

Em definição, o aprendizado de máquina se dá a partir do desenvolvimento de algoritmos que aprendem com os dados para aprimorarem seus sistemas na realização de cada tarefa. Aprofundando ainda mais esse conhecimento, o *deep learning* é uma das técnicas de aprendizado de máquina mais aplicadas atualmente por possibilitarem a criação de “neurônios artificiais” para processar informações, semelhante ao cérebro humano. Essas redes neurais permitem a análise de um grande volume de dados, tornando o desenvolvimento em IA ainda mais eficiente.

Mesmo em meio às diferentes perspectivas e incertezas, o uso de IA é crescente e prever os impactos futuros dessa tecnologia torna-se um desafio. Para além da projeção de uma inteligência artificial sobre humana, a relação dos indivíduos com a tecnologia se baseia, hoje, em um lugar de dependência. Estar conectado(a) é existir no mundo, enquanto que a lógica contrária também se aplica. A internet se tornou o principal meio de informação, comunicação e acesso ao conhecimento, e as inteligências artificiais atuam como ferramentas que intermediam esses processos por meio da produção e consumo de conteúdo de maneira acelerada.

Essa conexão “propicia a simbiose entre o humano e a máquina ao acoplar sistemas inteligentes artificiais ao corpo humano [...] e a interação entre

o homem e a máquina como duas ‘espécies’ distintas conectadas” (KAUFMAN, 2018, p.15).

Em relação ao conceito de inteligência artificial, as diferentes percepções acerca do tema e a complexidade em definir uma explicação única para o que significa essa tal “inteligência” criada por máquinas traz reflexões interessantes.

De acordo com Dora Kaufman, pesquisadora em IA, “a inteligência artificial refere-se a um campo de conhecimento associado à linguagem e à inteligência, ao raciocínio, à aprendizagem e à resolução de problemas” (KAUFMAN, 2018, p.15).

Segundo Angela Gongora (2021), a inteligência “é um conceito relativo à construção de estruturas cognitivas do ser humano, responsáveis pela formação da razão, característica peculiar frente aos demais animais”. Sendo uma criação humana, a máquina é, portanto, uma inteligência “artificial”.

Pela IBM, “inteligência artificial, ou IA, é uma tecnologia que permite que computadores e máquinas simulem a capacidade de resolução de problemas e a inteligência humana” (IBM, 2023).

O próprio ChatGPT (2024) define que

Inteligência Artificial (IA) é uma área da computação que se dedica ao desenvolvimento de sistemas capazes de realizar tarefas que normalmente exigiriam inteligência humana. Essas tarefas podem incluir aprender com dados, reconhecer padrões, resolver problemas, tomar decisões, entender linguagem natural, e até mesmo interagir com seres humanos de forma intuitiva.

A complexidade se dá ao tentar conceituar uma inteligência única e própria das máquinas, diferente dos seres humanos. De acordo com Fabio Cozman e Hugo Neri, “a dificuldade é definir o que é comportamento inteligente. A definição de “inteligência” é fluida, e o ser humano tem considerável flexibilidade em relação ao termo.” (Cozman; Neri, 2021, p. 21).

O ser humano sempre esteve empenhado em desenvolver tecnologias que pudessem resolver problemas complexos semelhantes à forma humana de pensar, dando autonomia para que a máquina pudesse acelerar processos,

analisar dados com eficiência e propor soluções inovadoras em um curto espaço de tempo.

Não se trata aqui de computadores pré-programados de IA limitada que conseguem vencer os seres humanos em áreas mais ou menos matemáticas ou lógicas como o xadrez. Trata-se sim de uma IA que pode usar uma abordagem mais humana, baseada em redes neurais para simular a forma como o cérebro aprende e que se consegue adaptar e programar a si mesma. (LEONHARD, 2017, p. 88)

Mesmo que não haja uma definição consensual do que seria inteligência artificial no entendimento popular, a materialização do termo é atribuída às ferramentas de IA disponíveis atualmente – como o ChatGPT, Gemini, Captions, HeyGen e muitas outras –, utilizadas de acordo com a necessidade de cada usuário.

As inteligências artificiais são programadas para irem além da simples análise numérica e criar tudo o que o usuário solicitar, desde um vídeo, um texto, uma imagem, dar aconselhamentos, até a criação de estratégias de planejamento e diagnósticos médicos. Através do processamento de conjuntos de algoritmos em um aprendizado de máquina profundo, os conteúdos solicitados são entregues em poucos segundos.

Desse modo, o uso generalizado de IA traz luz sobre as praticidades da tecnologia, utilizada no ambiente acadêmico, profissional e até para fins pessoais, enquanto pouco se fala sobre a importância da regulamentação dos sistemas de segurança para garantir a privacidade dos dados dos usuários, os impactos dessa tecnologia no mercado de trabalho, nas relações sociais e para as próximas gerações, que já nascerão com a IA em seu dia a dia.

É inegável que a inteligência artificial se tornou um pilar importante na transformação digital, seja para os usuários – que participam desse processo transformacional utilizando as IAs no cotidiano – ou para as grandes corporações, com a geração de novos negócios, mercado e formas de obter lucro. Por isso, não é a IA por si só que mudará o nosso futuro, mas sim os efeitos do uso dessa tecnologia pelos próprios seres humanos, de acordo com as experimentações e inserções dessa tecnologia nos ambientes sociais. Diante

desse cenário, encontrar o equilíbrio para mitigar possíveis riscos e evitar o uso prejudicial ditado pela necessidade de lucro é fundamental.

3. Relações Públicas na sociedade IAconectada

As Relações Públicas sempre estiveram muito atreladas às grandes organizações, sendo responsável por mediar as relações entre as empresas e seus públicos de interesse visando o fortalecimento do relacionamento. Segundo Sónia Pedro Sebastião (2019),

As funções de comunicação e relações públicas são exercidas na base de uma filosofia profissional, ética e socialmente responsável, perante a sua capacidade de construir realidades sociais, criar e partilhar significados. Entre outras funções, um profissional de comunicação e relações públicas (RP) procura: identificar públicos prioritários e determinar a melhor forma de comunicar com eles, desenvolvendo e implementando planos estratégicos de comunicação; observar, analisar e produzir análises sobre macro e micro envolventes das organizações evidenciando tendências e possíveis ameaças e oportunidades provenientes de dimensões políticas, económicas, sociais, tecnológicas e legais; estabelecer e manter relações duradouras de confiança e compromisso com públicos determinantes para a existência e sucesso da organização. (Sebastião, 2019, p.98)

Dessa forma, um dos pilares de sucesso de grandes organizações é o pleno conhecimento de seus *stakeholders* para fornecer soluções e serviços que atendam às suas necessidades. Sem dar a devida importância em desenvolver técnicas planejadas, com pesquisa e conhecimento da audiência, a organização fica exposta aos riscos de crises, falhas na comunicação, dificuldades para diferenciar-se da concorrência e até impactos no retorno financeiro; afinal, para quem não sabe o que ou para quem comunicar, qualquer comunicado e qualquer público servem e, hoje, esse posicionamento já não cabe para empresas que almejam longevidade e sucesso.

Em uma sociedade hiperconectada, na qual 2/3 da população mundial utilizam a internet no mundo (SCHWINGEL, 2024), é quase impossível para as organizações passarem ilesas pela falta de comunicação ou presença ativa na realidade dos consumidores. De acordo com Sandi (2024),

O reconhecimento progressivamente ampliado das tecnologias, suas ferramentas, usos, apropriações e aplicações, contribui para que os profissionais possam ter um crescente domínio conceitual e técnico, estando habilitados a explorar todas as potencialidades desses espaços virtuais, sem a euforia dos que consideram o ciberespaço um universo de potencialidades

infinitas, sem fronteiras e também sem o reducionismo da consideração agigantada de seus limites. (Sandi, 2024, p. 126)

Ou seja, a comunicação está intrinsecamente vinculada ao processo de compartilhamento e troca de significados. Vivendo na era da midiatização, onde os próprios usuários das mídias digitais navegam pelas redes produzindo e consumindo conteúdos simultaneamente, construindo visões de mundo de maneira colaborativa e consultando uns aos outros sobre os diferentes produtos e serviços disponíveis, esse processo se torna ainda mais importante e acelerado. Seja nas redes sociais, em sites ou aplicativos, internautas deixam comentários e avaliações que acabam sendo consultadas por outras pessoas ao redor do globo, estabelecendo um fluxo de comunicação mesmo sem haver um contato prévio. Conforme explica Terra (2023),

Na sociedade contemporânea, a capacidade de tecer relacionamentos se torna cada vez mais importante. E são as Relações Públicas as responsáveis por esse processo de geração de relacionamentos. Saad (2021, p.09) afirma que na sociedade digitalizada, “(...) relacionamentos são uma das bases das sociabilidades e visibilidades que vivemos, constituindo um capital intangível que necessita de tangibilidades para revelar a eficácia de todo processo comunicacional de uma organização” (Terra, 2023, p.153)

Este exemplo, que parece simples por já ter sido incorporado e naturalizado no cotidiano, demonstra como a responsabilidade das organizações vai além da palavra dita para construir uma imagem de excelência na memória dos consumidores. Nem sempre essa construção será fruto de um fluxo de comunicação direto entre empresa e públicos de interesse, podendo ser moldada pelo relacionamento de líderes de opinião espalhados pelos mais diversos canais digitais, nem sempre envolvendo a atuação direta da organização. Rogers e Shoemaker (1971) descrevem que

Liderança de opinião é um estágio em que um indivíduo é capaz de, informalmente, influenciar a atitude e o comportamento de outros indivíduos com relativa frequência. É um tipo de ascendência informal, que não depende da posição social ou status dentro do sistema, mas é conquistada e mantida pela competência técnica, pela acessibilidade social e pela conformidade com as regras do sistema. (Rogers; Shoemaker, 1971, p.35)

Nesse sentido, para além de zelar pela manutenção dos relacionamentos e opiniões positivas, é fundamental observar o ambiente em que se está inserido para ampliar a comunicação com os públicos.

3.1 As relações públicas e os processos comunicacionais digitais nas organizações

Considerando a velocidade e a eficiência com que as informações são disseminadas nas redes, as organizações que sabem se posicionar e utilizar os canais digitais a seu favor costumam ser grandes cases de sucesso quando se trata de relacionamento, que podem impactar diretamente nas suas receitas. Não é à toa que as empresas brasileiras destinaram em torno de R\$ 36 bilhões para atividades de comunicação empresarial em 2024, segundo estudo da Aberje (EQUIPE INFOMONEY, 2024) e o setor de assessoria de imprensa digital continua em ascensão no mercado de comunicação.

Cada vez mais, as marcas reconhecem o impacto positivo da comunicação sobre os retornos reais ao negócio, evidenciando o olhar estratégico para as relações estabelecidas com seus públicos, sobretudo por meio da criação de conteúdo relevante e experiências personalizadas. A complexidade da midiatização dos relacionamentos gera transformações sociais que refletem não só nas organizações, mas também na forma como as pessoas interagem, consomem, reagem às atitudes organizacionais, etc. Como apresentam Daiana Stasiak e Teresa Ruão (2023)

A ambiência tecnológica facilita a interação e ocasiona novas formas de relacionamento, que vão além das representações sociais presentes na comunicação pelos meios tradicionais. Deste modo, a visibilidade dos discursos institucionais passa a ter um novo patamar de autonomia, ao mesmo tempo que as organizações se tornam visíveis também pelas mãos dos seus públicos. Por isso, acreditamos que diante do cenário da midiatização social os processos de comunicação organizacional são ressignificados (STASIAK; RUÃO, 2023, p. 175)

Quanto mais as tecnologias avançam, mais desafios para diferenciar-se da concorrência acabam surgindo, mas acoplado às necessidades de diferenciação, nascem novas oportunidades para inovar e ir além do produto ou serviço para cativar os públicos com um tratamento exclusivo, fidelizando-os por

meio do relacionamento saudável e duradouro. Isso porque, segundo o estudo divulgado pela consultoria de gestão *Bain & Company* (REDAÇÃO HOMEWORK, 2024), clientes fiéis gastam 67% a mais do que novos consumidores e comumente exigem custos menores de aquisição por já serem parte da base da organização. Fábio França explica que

O relacionamento corporativo determina o grau de comprometimento da empresa com seus públicos e vice-versa; para ser bem-sucedido, depende do correto mapeamento dos públicos e da determinação das formas de relação com eles e de seus objetivos. (França, 2009, p. 224)

Com o uso crescente da inteligência artificial (IA), a dualidade do cenário comunicacional se torna ainda mais relevante. Apesar do receio de profissionais – sobretudo do setor de comunicação – em relação à substituição do trabalho humano pelas máquinas, a adesão às novas tecnologias pelas organizações é cada vez maior. Apesar do surgimento das primeiras ferramentas de inteligência artificial no século XX, o boom da tecnologia em IA tornou-se evidente principalmente ao longo dos últimos seis anos, conquistando não só a população, como também as organizações.

De 1956 a 1974, o campo da IA foi um dos mais movimentados no mundo tecnológico. Um grande catalisador foi o rápido desenvolvimento na tecnologia dos computadores. Eles passaram de sistemas maciços – baseados em tubos de vácuo – para sistemas menores que funcionavam com circuitos integrados muito mais rápidos e dispunham de maior capacidade de armazenamento. (Taulli, 2019, p. 24)

Um estudo realizado em julho de 2024 mostrou que 80% das empresas no Brasil já investiram ou irão investir em IA nos próximos 12 meses (LOPES, 2024) e os investimentos devem acompanhar as evoluções tecnológicas. Em paralelo, as Relações Públicas vão além do simples conceito de persuadir públicos, conforme era conhecido no início dos anos 50, para cumprir seu papel de aproximação e transformação social por meio dos relacionamentos, de forma que “o grande diferencial das Relações Públicas [...] é o seu caráter humano porque utiliza técnicas de relacionamento e comunicação baseadas na empatia e sociabilidade.” (Júnior; Grohs, 2023, p. 7)

Isso se dá pelos benefícios de tais tecnologias, incluindo para profissionais de Relações Públicas, que veem a real necessidade de adequarem o *timing* de suas ações e comunicações de acordo com as conversas estabelecidas em um formato *omnichannel* – afinal, da forma como os aparelhos celulares se consolidaram como uma extensão do ser humano, torna-se cada vez mais desafiador delimitar as fronteiras do que é real ou virtual, do que se restringe somente às mídias ou daquilo que toma proporções para além das fronteiras geográficas.

A inconstância da atualidade, ao mesmo tempo em que cria uma sensação de desconforto e cansaço mental pela necessidade de adaptabilidade, também desperta o movimento, a capacidade criativa e inquietação para acompanhar as inovações tecnológicas e comunicacionais que podem mudar da noite para o dia. Esse *mix* de sensações e habilidades são compartilhados sobretudo entre os profissionais de comunicação, que sentem que

Vivemos tempos instáveis e voláteis, em que o imediatismo e o tempo real imperam. Saber planejar e desenvolver estratégias de comunicação que dialoguem com tal impermanência pode ser extremamente cansativo, mas necessário para sobreviver a tempos tão líquidos e incertos. Em uma era em que uma comunicação dura apenas alguns segundos e se perde em menos de um dia, entender essa dinâmica é crucial (Terra, 2024, p.167)

É inegável que as IAs ampliaram a capacidade humana de:

- Captar, analisar e gerir dados para definir planos de comunicação ainda mais estratégicos;
- Criar e personalizar conteúdos para os diferentes *stakeholders* de forma rápida e eficiente;
- Minimizar trabalhos manuais e tarefas repetitivas que podem resultar em processos burocráticos e demorados na gestão da comunicação;
- Facilitar a construção de relacionamento e proximidade com os públicos de interesse por meio de ferramentas de atendimento ágeis e personalizadas, como *chatbots*, mensagens automáticas e assistentes virtuais, que são capazes de solucionar dúvidas comuns em tempo real e garantir um atendimento mais rápido;

- Colaborar com a previsão de tendências e gestão de risco com o acompanhamento constante de percepções e comentários nos canais digitais, possibilitando o ajuste prévio de estratégias pela organização e antecipação frente às demandas do mercado.
- Monitoramento de redes sociais para acompanhamento de conversas entre consumidores, ampliação da imagem corporativa positiva, análise de sentimento dos públicos em relação aos produtos, serviços e atuação das organizações, etc.

Por isso, espera-se que o uso e adesão dessas ferramentas se tornem cada vez maiores, sobretudo para as próximas gerações, que já nascem com a tecnologia de IA no cotidiano. Mas, por parte dos profissionais de comunicação, quais são os limites entre o uso ético e essencial de IA?

3.2 O uso ético da inteligência artificial em relações públicas

Apesar dos muitos ganhos com a tecnologia, o debate ético sobre a atuação e uso das novas tecnologias pelos relações-públicas é um dos pontos centrais do debate sobre a sociedade IAconectada - o termo proposto pela autora é caracterizado pela conexão entre os diferentes grupos e civilizações por intermédio das inteligências artificiais, indo além da conexão em rede por proporcionar a produção de conteúdo acelerada, tradução simultânea, análise de dados, eficiência nas buscas via Internet, dentre outras facilidades que colocam as relações sociais em um outro patamar.

O Brasil é o 4º país que mais utiliza inteligência artificial no mundo, com uma estimativa de crescimento de 40 a 50%, atingindo quase US\$ 1 trilhão até 2027. De acordo com a *Opinion Box*³, cerca de 90% dos brasileiros afirmam ter utilizado ou estão utilizando algum tipo de IA, enquanto 37% deles o fazem diariamente, sobretudo para realização de tarefas corriqueiras. Com isso, é possível notar o surgimento de uma nova forma de utilizar a tecnologia, cada vez mais aplicada no cotidiano, seja para realizar trabalhos cotidianos ou produzir conteúdos, estabelecendo uma relação de dependência e interação com as

³ Relatório de pesquisa realizado pela Opinion Box sobre o uso de inteligência artificial no Brasil e sua aplicabilidade. Disponível em: <<https://blog.opinionbox.com/relatorio-inteligencia-artificial-percepcao-e-os-usos-da-ia-no-brasil/>>. Acesso em 11 de novembro de 2024.

máquinas. Dessa forma, é evidente o potencial de crescimento da IA no país e como ela se fará cada vez mais relevante na sociedade, levantando também o alerta da segurança de dados e práticas éticas.

Em meio aos avanços, os retrocessos causados pelas *fake news*, *deep fakes*, vazamento de dados, ataques *hackers*, fraudes, discursos de ódio e criação de conteúdo inadequado para manipulação da opinião pública também são evidentes. De acordo com o levantamento da *Check Point Research*, só em 2024, os ataques cibernéticos no Brasil cresceram quase 70% (LORENZO, 2024). Sobre o uso ético, define-se que

Até o momento, não houve debates abrangentes específicos de RP sobre os desafios éticos dos aplicativos de IA. Além das RP, no entanto, há discussões intensas sobre questões éticas (Mittelstadt et al., 2016; Tsamados et al., 2022), cujas ideias centrais são descritas abaixo e são igualmente relevantes para o campo de aplicação das RP. (Seidenglanz; Baier, 2023, p. 125)

E quando as diferentes formas de preconceito se cruzam com o trabalho de comunicação? Como as violências da sociedade patriarcal pautada no racismo e na misoginia, heranças de um passado de colonização, se disfarçam em discursos “livres” pela Internet e envolvem a atuação dos relações-públicas como profissionais éticos e responsáveis pela construção de culturas organizacionais socialmente responsáveis no ambiente digital? Como a IA interfere nos processos comunicacionais e nos relacionamentos positivos?

A prática de Relações Públicas, que teve início em 1906 com Ivy Lee, traz em sua essência ferramentas eficientes que atravessam o tempo e se moldam de acordo com os avanços sociais. Desde os primórdios, a interação é algo inerente ao ser humano, uma prática instintiva e natural que nos dá ⁴sentido à vida, possibilitando trocas de ideias e intercâmbio de conhecimentos para continuarmos evoluindo – e o profissional de Relações Públicas é um especialista em gerir relacionamentos de forma estratégica.

⁴ To date, there have been no comprehensive PR-specific debates on the ethical challenges of AI applications. Beyond PR, however, there are intensive discussions on ethical issues (Mittelstadt et al., 2016; Tsamados et al., 2022), the core ideas of which are outlined and are equally relevant to the field of application of PR. (Seidenglanz; Baier, 2023, p. 125)

Práticas como assessoria de imprensa, monitoramento de audiência, produção de conteúdo relevante, realização de eventos (sejam internos ou externos, virtuais ou presenciais), gestão de crises e nutrição de relacionamento com *stakeholders* são algumas das ferramentas que, por meio da comunicação, podem transformar o modo como os diferentes atores sociais estabelecem suas interações e possibilitam o diálogo. Somando-se às competências de RP, novas funções surgem e avançam junto com a tecnologia

Até o momento, não houve debates abrangentes específicos de RP sobre os desafios éticos dos aplicativos de IA. Além das RP, no entanto, há discussões intensas sobre questões éticas (Mittelstadt et al., 2016; Tsamados et al., 2022), cujas ideias centrais são descritas e são igualmente relevantes para o campo de aplicação das RP (Seidenglanz; Baier, 2023, p. 20)

No âmbito organizacional, a junção de todos esses conhecimentos se torna fundamental, sobretudo para conquistar a audiência em meio à acirrada concorrência que se forma no mundo capitalista. Somado a isso, diferentes competências são cada vez mais exigidas dos profissionais de Relações Públicas, como a escuta ativa, flexibilidade e capacidade analítica. Em um ambiente que exige dinamismo e agilidade para suprir as necessidades mercadológicas, institucionais, internas e sociológicas, a presença de um RP no corpo organizacional se torna mais que indispensável para atuar de forma estratégica, pois

As relações públicas focalizam valores intangíveis, a linha do conhecimento, da inteligência dos relacionamentos simétricos de duas mãos, da ordenação dos relacionamentos corporativos, da comunicação corporativa e da persuasão dos públicos. (França, 2009, p. 233)

Entretanto, as relações não mais se dão somente na esfera de organizações – consumidores. Hoje, todos os atores sociais estão interligados e conectados, de modo que os consumidores consomem e produzem conteúdo, ditam e seguem tendências, trocam experiências, tornam-se “blogueiros”, enquanto boa parte das organizações tentam aderir à uma identidade cada vez mais humanizada para criar proximidade e identificação com esses públicos de interesse.

Uma das características que torna o trabalho de Relações Públicas único é a capacidade de estabelecer relações e vínculos duradouros. Popularmente compreendido como a administração da comunicação, a sensibilidade também se torna uma habilidade desses profissionais, que podem praticar a empatia nos processos comunicacionais para oferecer escuta ativa aos públicos. No quesito da comunicação, esses profissionais podem trazer ideias criativas e inovadoras para que haja êxito no relacionamento entre as partes envolvidas, atendendo aos anseios e necessidades dos públicos.

Para orientar o uso ético de IA nas Relações Públicas, o órgão *Chartered Institute of Public Relations (CIPR)* do Reino Unido lançou, em 2020, o Guia de Ética da IA em RP, que destaca os princípios, boas práticas e a responsabilidade do trabalho de comunicação perante a sociedade, dada pelo exercício estratégico na tomada de decisão das organizações.

Figura 1 - Canvas do uso ético dos dados que considera 15 premissas para a aplicação positiva de inteligência artificial e análise de dados, como o cuidado com o compartilhamento de dados, direitos civis e minimização de efeitos negativos



Fonte: Guia de ética da Inteligência Artificial em Relações Públicas (IN: CIPR, 2019).

A prática das Relações Públicas no Terceiro Setor, na esfera pública, nas organizações privadas e em coletivos sociais, como o [RPretas](#), cria espaços em que vínculos podem ser estabelecidos por meio da comunicação estratégica e da consolidação de identidades organizacionais que têm a dedicação e a escuta ativa em sua essência. Dessa forma, cabe aos relações-públicas fazerem um bom uso de suas habilidades, competências e conhecimentos para causar

impacto social positivo e alcancarem o objetivo de criar relacionamentos duradouros, sem deixar de lado a ética e a dimensão humana.

Quando falamos em priorizar a dimensão humana, queremos ressaltar que as organizações, os gestores e os responsáveis pela comunicação não podem ficar presos apenas àquela visão pragmática dos resultados do negócio ou a uma mera visão de como utilizar os meios de comunicação disponíveis. É necessário, antes de qualquer coisa, pensar que lidamos com pessoas e que temos de criar mecanismos, formas de valorizar as pessoas com que lidamos, nos ambientes interno e externo (Kunsch, 2010, p. 85).

De modo geral, o uso negativo das tecnologias por parte da sociedade é evidente, mas, nesse cenário, enquanto profissionais da comunicação, é importante questionarmo-nos sobre a responsabilidade das organizações e a nossa própria enquanto especialistas da área sobre a importância de implementação e manutenção de estratégias de comunicação eficientes, transparentes, bilaterais e consolidadas para ir contra os usos prejudiciais desenfreados das novas tecnologias. Se não é possível controlar todo o uso da tecnologia, sobretudo nas redes, é fundamental que os profissionais de Relações Públicas possam se munir de conhecimento e domínio dos novos formatos de comunicação em uma sociedade não apenas hiperconectada, mas IAconectada, cuja atuação acontece 24h todos os dias.

O uso de IA no setor de RP exige a coleta e a análise de grandes quantidades de dados. Isso pode gerar preocupações com a privacidade dos dados. Os gerentes de RP devem garantir que os dados coletados sejam usados de forma ética e em conformidade com a lei. É importante ser transparente com os usuários e obter seu consentimento quando os dados pessoais forem coletados, conforme já declarado no Regulamento Geral de Proteção de Dados (GDPR) (Seidenglanz; Baier, 2023, p. 125)

De fato, não há mais como imaginar uma vida sem a tecnologia e suas revoluções. A Inteligência Artificial é uma das inovações que surgiu para facilitar atividades, automatizar processos e facilitar o nosso cotidiano - e, de fato, tem trazido grandes benefícios em diferentes áreas e contextos. Entretanto, assim como qualquer coisa na vida, os seus efeitos “dependem do que os seres humanos fazem com ela, como a percebem, como a experimentam e usam, como a inserem nos ambientes técnicos-sociais” (Kaufman, 2022, p. 24). Somos

nós quem ditamos o rumo das inovações e, por isso, é necessário trazer a responsabilidade para nós, profissionais, sobre o manuseio das ferramentas, os dados armazenados e as comunicações produzidas.

Dado o rápido desenvolvimento e implementação da IA, torna-se necessário um ambiente político estável que promova uma abordagem centrada no ser humano para a promoção de uma IA confiável, que estimule a pesquisa, preserve incentivos económicos para inovar e que se aplique a todas as partes interessadas de acordo com suas necessidades, papel e contexto (OCDE, 2019). Sem esquecer que o ser humano é, por natureza, um ser criativo, capaz de pensar de forma diferente. (Sebastião, 2019, p.95)

Em qualquer profissão, a ética deve ser essencial. Mas, nas Relações Públicas, cujos profissionais dominam as técnicas de comunicação e construção de relacionamento com consumidores, parceiros, ONGs, entidades governamentais, imprensa e diversos outros tipos de públicos, a ética se torna uma prática inegociável e irredutível em qualquer cenário. Por isso, usufruir dos benefícios da tecnologia sem deixar de lado os possíveis impactos dos relacionamentos estabelecidos por IA pode ditar o futuro da profissão, tornando-a cada vez mais relevante e necessária.⁵

⁵ The use of AI in the PR industry requires the collection and analysis of large amounts of data. This can raise data privacy concerns. PR managers must ensure that the data collected is used ethically and in compliance with the law. It is important to be transparent with users and obtain their consent when personal data is collected, as already stated in the General Data Protection Regulation (GDPR) (Seidenglanz; Baier, 2023, p. 125)

4. As multifaces e impactos do racismo na contemporaneidade

O racismo é uma violência estrutural e estruturante que atinge, afeta, encarcera e mata pessoas negras no Brasil e no mundo. Ele pode se apresentar de diferentes formas, desde a mais velada, dentro de uma “brincadeira”, até de forma escancarada em palavras ofensivas, agressões e violência policial.

Segundo informações do Anuário de Segurança Pública (Santos, 2024), pessoas negras têm quase 4 vezes mais chances de serem mortas pela polícia do que brancos, de modo que 82,7% das vítimas da violência policial são pretos ou pardos. Além disso, os acessos aos direitos básicos, como educação, saúde e emprego também são minimizados quando comparados a pessoas brancas.

Essa realidade não é por acaso. Consequência de anos de escravidão e submissão forçada da população negra sob os colonizadores, a largada na corrida pela vida já começou com patamares diferentes e desiguais para pessoas negras. Enquanto que, ao longo de séculos, a negritude foi tida como uma característica negativa e usada de maneira pejorativa para justificar atrocidades da época, os impactos dessa violência são refletidos até hoje, sendo evidenciados tanto pelos dados colhidos por instituições de pesquisa e cidadania, como o IBGE, quanto pela dura realidade que parte da população mundial ainda insiste em ignorar – a existência do racismo.

Ao abordarmos o conceito de interseccionalidade desenvolvido pela professora Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), definido como a intersecção de diferentes formas de preconceito sobre as características que formam a identidade de uma pessoa, impactando a forma como a sociedade a tratará e seu acesso aos próprios direitos, os índices se tornam ainda mais alarmantes.

As mulheres negras são as mais impactadas pela desigualdade no Brasil, sobretudo pelas dificuldades de acesso ao mercado de trabalho (Redação, 2024) causadas pelo racismo estrutural e às múltiplas responsabilidades que possuem por chefiar lares com filhos(as) sozinhas. Além disso, o risco da violência doméstica coloca mulheres pretas e pardas como mais da metade das vítimas de violência no Brasil (Serpa, 2024).

Mesmo sendo a maior parte da população do país, totalizando 28,5% dos 60 milhões de brasileiros e representando o maior percentual da população brasileira ativa, as mulheres negras são as que ganham menos, ocupando a base da pirâmide social estruturada pelo racismo. Desse modo, quanto mais intersecções o corpo carregar – pela raça, pelo gênero, pela orientação sexual, pela classe e outras características, mais ele estará exposto e vulnerável às violências externas, causadas por preconceitos vazios de fundamento e cheios de ódio.

Segundo Betina Ferraz Barbosa, coordenadora do estudo sobre desenvolvimento humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), serão necessárias mais de três décadas para que o o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos negros se iguale ao dos brancos hoje (Mazenotti, 2024). Isso demonstra como a violência praticada pela escravidão há mais de 300 anos ainda deixa marcas e sequelas profundas na população negra brasileira, ditando lugares sociais e oportunidades que serão – ou não – disponibilizadas apenas pela cor da pele.

Sendo um país que nasceu pelo estupro de mulheres negras por homens brancos, o Brasil foi construído sob a ‘mistura’ de raças, criando diferentes culturas, características e regionalidades, tipicamente pelas condições históricas e extensão continental. Entretanto, a forma como as narrativas são contadas ditam como as mesmas serão compreendidas no imaginário social e repassadas pelas gerações.

A escritora e pesquisadora feminista nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie, nos alertou sobre o perigo da história única ao validarmos determinadas histórias sobre outras enquanto sociedade, reforçando o poder simbólico da colonização para apropriar-se de determinados discursos e hierarquiza-los, tornando-os mais ou menos aceitos. Segundo a autora,

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (ADICHIE, 2019, p.12)

A forma como as invasões aos continentes sul-americano e africano pelas Grandes Navegações no século XV em nome de um suposto Deus são apresentadas como “descobrimento”, já mostra como tal narrativa é soberana e aceita, tanto nos livros de história ao redor do mundo quanto na sociedade – inclusive as mesmas que sofreram com tamanha violência, como no Brasil. A grande questão que fica é: se somos capazes de aceitar a consolidação do sistema educacional construído sob o discurso europeu, branco, elitista e excludente, como poderemos lutar contra o racismo estrutural que segue ditando tantos destinos no Brasil de uma maneira ainda mais incisiva? Quantas Kathleens (TORRES, 2024), Wesleyes (SANTOS, 2024), Joões (FARIAS, 2024) e tantos(as) outros(as) terão suas narrativas silenciadas a favor do sistema?

Essas e outras questões tão profundas seguem sem resposta, tornando-se ainda mais delicadas com a ascensão da Internet. Atualmente, o ambiente virtual é o lugar em que pessoas são consumidoras e produtoras de conteúdo simultaneamente, despertando vozes e diálogos sobre diferentes pautas sociais, ampliando as possibilidades de valorização de discursos historicamente silenciados e dando poder de voz às pessoas que nunca puderam se apropriar desse poder com liberdade. Entretanto, em meio a avanços positivos, a Internet também possibilita a disseminação de discursos de ódio, *fake news*⁶, *deep fake*⁷ e outras atitudes violentas causadas por pessoas mal-intencionadas, que se sentem “protegidas” por trás de telas.

4.1 Racismo algorítmico ou algoritmização do racismo?

No prefácio da obra “Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais”, de Tarcízio Silva, o sociólogo Sergio Amadeu

⁶ *Fake news*, em uma tradução livre, significa notícias falsas, criadas com o intuito de confundir e espalhar matérias mentirosas para desinformar a população de forma massiva. De acordo com Eugênio Buccì, professor titular da ECA-USP, “*fake news* é a falsificação da forma notícia. Parece ser uma notícia jornalística, mas não é”. (BUCCI, 2023).

⁷ *Deep fake*, em tradução livre, significa “falso profundo”, caracterizado pela produção de materiais visuais e/ou audiovisuais adulterados, como imagens, vídeos e áudios, para colocar pessoas comuns e figuras públicas em situações constrangedoras e/ou inusitadas forjadas por inteligência artificial. De acordo com Guilherme Bacellar, especialista de segurança cibernética e fraude da Único, “*deep fake* pode ser definido como a criação de vídeos e áudios falsos por meio de inteligência artificial”.

da Silveira explica que “sem combate ao racismo não pode existir uma sociedade democrática. Não há democracia digital que aceite o racismo algorítmico”. (Silveira, 2020, p.15)

Ao refletirmos sobre o panorama do racismo estrutural no cotidiano brasileiro, sobretudo no modo como faz parte da realidade de pessoas negras no mundo real, surge o questionamento sobre como essas violências são incorporadas no mundo virtual e reproduzidas de maneira incessante, inclusive por inteligências artificiais (IAs) e algoritmos. De que forma a violência cotidiana, que julga e subalterniza corpos negros, é ensinada às novas tecnologias, que aprendem e reiteram comportamentos racistas no mundo virtual?

Segundo Tarcízio Silva, mestre em comunicação e cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA),

O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural, cuja manutenção produz vantagens em prol de um grupo hegemônico, profundamente, dependente de uma epistemologia da ignorância para manutenção do poder (BATISTA, 2023).

A prática do racismo pelo algoritmo se dá pelo desenvolvimento de tais tecnologias a partir do histórico social e informações encontradas na Internet, que servem de insumo para que as IAs possam desenvolver textos, imagens, vídeos e demais conteúdos para os usuários. Assim, com a propagação da violência racista de modo virtual, grupos herdeiros da colonização, que praticam o racismo e ainda acreditam na soberania de uma raça sobre a outra, acomodam-se no seu lugar da ignorância e, para além disso, propagam essas ideias a outros usuários das redes, com toda a rapidez e eficiência que os veículos digitais proporcionam.

Tais comportamentos das plataformas são extremamente perigosos porque, além de propagar a violência contra pessoas negras, seja por meio de “memes” ou ofensas pessoais, é a partir do aprendizado com comportamentos humanos que as máquinas repercutem discriminações enviesadas, enquanto a sociedade – sobretudo as próximas gerações – tendem a se acostumar com tais práticas, correndo o risco de perderem-se entre o que é a violência e o que é apenas “liberdade de expressão”, como tantos defensores de discursos de ódio

na Internet propagam. Além disso, a desinformação mascara o desconhecimento do viés tecnológico, também conhecido como viés de aprendizado de máquina.

Conforme afirma Luiz Valério Trindade, PhD em Sociologia e pesquisador brasileiro,

O crescimento exponencial vivenciado por esta tecnologia digital ao longo do passado recente trouxe também a reboque o crescimento de outro fenômeno social em escala global: a manifestação aberta de uma variedade de discursos de ódio e intolerância no ambiente virtual. Evidências desta constatação são verificadas na pressão crescente exercida por parte de diversos atores sociais em diferentes países junto às corporações proprietárias destas plataformas, no sentido de implementarem medidas para a contenção e/ou eliminação deste tipo de conteúdo nas redes sociais. (TRINDADE, 2021, p. 29)

Enquanto os casos de racismo no Brasil aumentaram 127% em 2023 (Lucca, 2024) e uma das maiores cidades do país registrou uma denúncia de racismo por dia no 1º semestre de 2024 (Arcoverde, 2024), a velocidade e praticidade de disseminação de informação nas mídias digitais, que deveriam ser utilizadas em benefício da comunicação e construção de pontes de diálogo entre diferentes pessoas, tornam-se o meio facilitador de propagação de ódio sobre pessoas negras, sobretudo com a utilização de IA.

Com isso, cria-se o que Tarcizio Silva chama de “desinteligência artificial” (Batista, 2023), que atualiza e fornece uma nova roupagem a opressões que são tidas como “neutras” por terem sido geradas por uma máquina. Essa falsa crença de que tecnologias digitais tomam decisões neutras contribui para a implementação de sistemas que enfatizam um comportamento racista, machista, xenofóbico, desigual e que continua o legado de inferiorização e violência contra corpos socialmente marginalizados. Isso evidencia a dualidade das tecnologias, trazendo o lado positivo da flexibilidade e facilidade no dia a dia, mas que tende a pender para o fortalecimento das opressões existentes nas sociedades.

Duha Benjamin, socióloga e professora do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Princeton, analisa as diferentes formas de potencialização do racismo por meio da tecnologia e os algoritmos das redes, que se refletem na violência policial, nas diferentes possibilidades de acesso à

tratamentos fundamentais de saúde e no próprio convívio em sociedade. Segundo ela,

A tecnologia não é apenas uma metáfora racial, mas um dos muitos meios pelos quais as formas anteriores de desigualdade são atualizadas. Por esse motivo, é vital que os pesquisadores façam um balanço rotineiro das ferramentas conceituais que usamos para entender a dominação racial. (Benjamin, 2021, p. 19)

Os resultados das discussões e reflexões acerca do tema não se restringem somente a um país ou sistema específicos, visto que o *modus operandi* do racismo se perpetua em diferentes formatos através das épocas. As evidências do racismo se estendem pelo sistema global, que ultrapassa os limites de tempo e espaço, para demonstrar o modo como “os tentáculos sufocantes do Estado carcerário abrangem escolas, hospitais e outras instituições que buscam controlar pessoas pobres e racializadas” (Perry, 2011; Taylor, 2016), não se restringindo apenas à um tipo de violência por atores sociais específicos, mas evidenciando a forma como a discriminação racial se instala e se propaga nas raízes das sociedades.

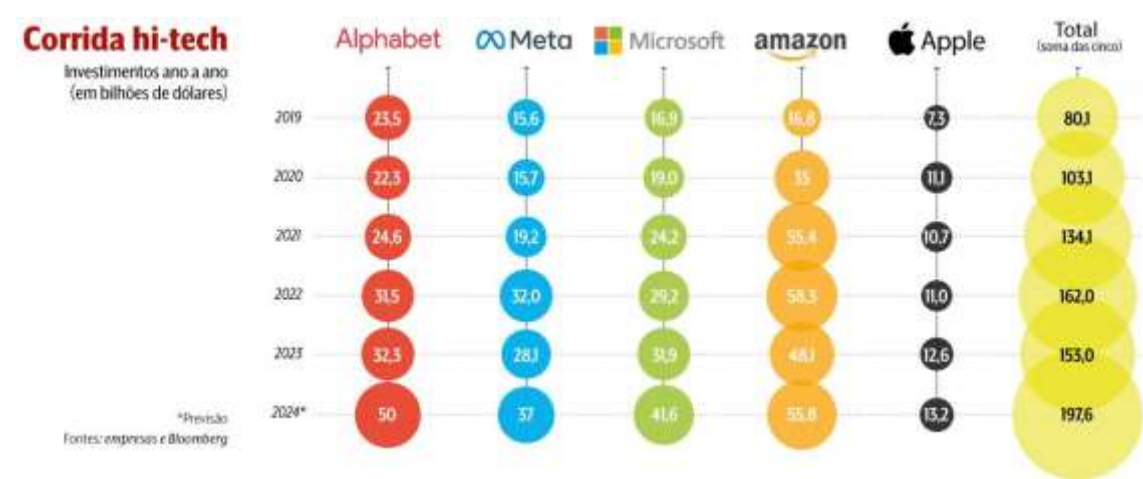
4.2 O racismo moderno no capitalismo informacional

Apesar dos avanços tecnológicos que caracterizam o capitalismo informacional – ou capitalismo tecnológico, como também é conhecido – na era da informação, nota-se que a velocidade com que as grandes empresas e sistemas se empenham para alcançar a monopolização do poder sobre as inovações não é a mesma para empenharem-se em relação aos problemas sociais, como a desigualdade social, a fome e a discriminação.

É importante frisar a participação e responsabilidade das *Big Techs*, chamadas de Gafam (a sigla para Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft) e grandes organizações envolvidas nesse processo, ao passo que, visando o lucro e a monopolização das novas tecnologias para perpetuar o poder sobre as indústrias, a preocupação com os vieses tecnológicos acaba ficando em segundo plano. Enquanto a disputa pelo pódio no ramo tecnológico acontece, 57% dos brasileiros têm condições precárias de acesso à internet (Redação Brasil de Fato, 2024). Isso demonstra que, para além dos investimentos

bilionários em IA, conforme a figura 1 abaixo, é necessário investir nas pessoas primeiro.

Figura 2: Investimento das *Big Techs* em IA ano a ano



Fonte: Empresas e *Bloomberg* (IN: CARNEIRO. 2024)

Dentro da perspectiva do capitalismo voraz, os investimentos em tecnologia têm ocorrido de forma acelerada, incluindo até acusações de abuso de poder econômico e monopólio de grandes empresas sobre *startups*, que recebem aportes milionários sem a formalidade de compras públicas e cláusulas de exclusividade. De acordo com *El Atlas de la revolución digital. Del sueño libertario al capitalismo de vigilância*, de Pablo Stancanelli (2020), “a Internet não conseguiu escapar da lógica comercial e financeira que domina nossas sociedades, nem tampouco dos estados mais autoritários ou ditatoriais” (Redação IHU, 2020), de modo que ficamos cada vez mais “presos(as)” na Internet sem perceber o que está sendo repercutido no meio digital, o seu alcance e do mau uso que se faz disso.

Para tentar frear o monopólio das novas tecnologias pelas *Big Techs* e as práticas violentas – sobretudo as que são criadas e reproduzidas por IA – pelos usuários no mundo virtual, nações por diferentes lugares do mundo estão criando regulamentações e leis mais rígidas sobre o uso de IA. Em maio de 2024, na Europa, foi criado o primeiro regulamento de inteligência artificial, como uma forma de “garantir sistemas de inteligência artificial mais seguros, éticos e confiáveis” (Conselho Europeu, 2024). Nos Estados Unidos, foi assinado um plano de regulamentação para reduzir as violações dos direitos civis. Em reação

a essas ações governamentais, empresas de tecnologia e startups ameaçaram encerrar suas atividades nessas localidades. Isso levanta o debate sobre a falta de responsabilidade social das grandes corporações que, ao serem confrontadas com regulamentações em prol do bem-estar social, preferem ausentar-se e operar em países que não as cobram por isso.

Dessa forma, no cenário de que quem tem dinheiro dita as regras, as rápidas evoluções de IA não são treinadas para considerar todas as questões sociais complexas de raça e etnia, desigualdade social, de gênero, questões políticas e as diferentes formas de preconceito. Com isso, ao invés de facilitar e promover o acesso a todos usuários, as *Big Techs* e as novas tecnologias acabam potencializando desigualdades e preconceitos, seja de forma direta ou indireta.

Como afirma o sociólogo e pesquisador Sérgio Amadeu da Silveira,

Não podemos falar de liberdade de expressão nem de direito à informação se não considerarmos as possibilidades que as ditas redes oferecem aos cidadãos menos favorecidos. A mentira nobre se reproduz de novo nos entornos comunicacionais clássicos. Os meios de comunicação de massa se caracterizam por sua natureza profundamente assimétrica: um fala, muitos escutam. (Silveira, 2010, p.15)

Perpassando pelo mundo virtual, o viés algorítmico pode acarretar em exclusão social no mundo real, como o encarceramento de corpos negros pelos sistemas de reconhecimento facial – sobretudo mulheres negras, enquanto as que mais sofrem com erros do sistema (G1, 2024) –, que historicamente apresentam falhas por carregarem os preconceitos de quem as programam em suas configurações; a exclusão em vagas de emprego e acesso à sistemas de benefícios sociais, como planos de saúde. Conceituando o termo, o viés algorítmico é caracterizado como

Uma anomalia dos algoritmos de aprendizado de máquina causada por suposições pré-concebidas feitas durante a fase de desenvolvimento do algoritmo ou determinados conjuntos de dados de treinamento. (Dilmegani, 2022)

O processo de exclusão modernizado se apoia na tecnologia e na comunicação para perpetuar a subalternização de corpos negros, seja pela falta de acesso às redes, os “memes” ofensivos ou pelo racismo algorítmico praticado pelos usuários-mídia, que são definidos como “*heavy user*” tanto da internet como

das mídias sociais e que produz, compartilha, dissemina conteúdos próprios e de seus pares” (Terra, 2010, p. 86). Desse modo, na era da influência digital em que quem não posta, não é lembrado, todas as pessoas que utilizam as redes digitais são usuários-mídia e se tornam cidadãos ativos em diálogos e práticas sociais que acontecem no mundo virtual.

Ao mesmo tempo em que a Internet é tida como uma ferramenta para democratizar a informação, ela também pode ser utilizada como o principal meio de silenciamento e fortalecimento do poder centralizado nas mãos de poucos. Sérgio Amadeu da Silveira complementa que

Essas redes não se limitam a ser um instrumento de controle social, nem tampouco uma ferramenta que aumenta a eficácia das formas de comunicação que têm caracterizado a Sociedade Industrial. De fato, as redes digitais são o campo de batalha onde se travam algumas das lutas mais significativas pelos direitos humanos. Não podemos falar de liberdade de expressão nem de direito à informação se não considerarmos as possibilidades que as ditas redes oferecem aos cidadãos menos favorecidos. (Silveira, 2010, p.15)

Desse modo, para além do controle e da perversidade da violência, as batalhas travadas no mundo real por inclusão e igualdade social são incorporadas nas redes. Diante da amplitude da Internet, que ultrapassa os limites de tempo e espaço, essas discussões tomam proporções globais e acabam se perdendo em meio a tantas informações veiculadas nos meios digitais de um jeito mais rápido do que somos capazes de consumir.

Assim como pontua Bruno Sousa, Jornalista e coordenador de comunicação do Lab Jaca e pesquisador do Centro de Estudos de Estudos e Cidadania, “o que vemos é que a tecnologia está renovando velhas táticas racistas de encarceramento” (Sousa, 2021). Quando se observa um padrão de violência por e pelas tecnologias sobre corpos socialmente marginalizados, é difícil falar sobre simples “erros”. Afinal, quando erros acontecem, servem de aprendizado para aprimorar processos e serem a porta para soluções eficazes. Nesses casos, as violências e opressões racistas continuam acontecendo sem medida, como se ensinar o antirracismo fosse algo inatingível no machine learning.

Dentre tantos investimentos em tecnologia, não seria possível capacitar máquinas para identificarem possíveis atos violentos produzidos através delas? Isso nos faz refletir que, talvez, o problema não esteja na máquina, mas nos interesses das grandes corporações e as formas de programação – que não consideram contextos sociais e realidades em sua complexidade; que visam o lucro e não necessariamente a solução contra a reprodução de preconceitos pelas máquinas, tidos como “erros intoleráveis que serão solucionados”, mas que não passam de ideias a serem incluídas num *backlog* infinito. Enquanto isso, os “erros” continuam custando vidas de pessoas negras.

Ao nos depararmos com essa realidade, vale considerar a discussão não mais sobre o racismo algorítmico, mas sim sobre a algoritmização do racismo. O racismo é uma forma de opressão e inferiorização que vem desde, pelo menos, 6 séculos atrás e continua a ser perpetuado de diferentes formas, em diferentes épocas, contextos e leituras. Mas, há algo nato que sempre fez parte do racismo em todas as esferas: a violência. Abeba Birhane, cientista cognitiva, traz a reflexão de que

O poder colonial tradicional busca poder unilateral e dominação sobre as pessoas colonizadas. Declara o controle das esferas social, econômica e política, reordenando e reinventando a ordem social de uma maneira que o beneficie. Na era dos algoritmos, essa dominação ocorre não por força física bruta, mas por mecanismos invisíveis e diferenciados de controle do ecossistema digital e da infraestrutura digital. O colonialismo tradicional e o colonialismo algorítmico compartilham o desejo comum de dominar, monitorar e influenciar o discurso social, político e cultural através do controle dos principais meios de comunicação e infraestrutura (Birhane, 2021, p. 169)

Dessa forma, quando falamos sobre racismo algorítmico, surge a impressão de que o algoritmo é racista por si só e que deve ser analisado em sua complexidade tecnológica. Tal questionamento se faz relevante, mas é preciso ir além e analisar o âmago da questão de que não é somente o algoritmo que é racista, afinal, a máquina não se programa sozinha; os seres humanos a ensinam a ser assim também. Não importa qual seja a tecnologia ou os avanços propostos, enquanto não refletirmos profundamente sobre a forma como as sociedades foram construídas e estarmos dispostos a assumir os preconceitos enraizados para mudar a perspectiva, as violências por parte das tecnologias continuarão a acontecer.

A tarefa de confrontar a pior parte do ser humano comumente tende a ser ignorada ou terceirizada, porque incomoda, causa estranheza e isso também pode ser observado nas relações sociais cotidianas. Ao perceber o racismo na fala ou comportamento de outrem, na maioria dos casos logo vem a defesa de que não foi racismo, que isso é “mimimi” ou que foi apenas uma “brincadeira”. Se, para o próprio ser humano é tão difícil aprofundar-se em tais questões fundamentais para aprender e mudar, como se torna possível ensinar as máquinas?

Seja a violência produzida por uma máquina ou pelas pessoas em sociedade, é necessário que tratemos as marcas profundas do racismo para que, assim, possamos nos debruçar sobre a criação de tecnologias com menos vieses, verdadeiramente mais inclusivas e, quem sabe, até antirracistas. Além do aspecto social, essa reflexão se faz extremamente importante e urgente para as Relações Públicas, enquanto área responsável por gerir e mediar relacionamentos entre os públicos – seja das organizações para com a sociedade, em organizações não governamentais (ONGs) ou até na esfera política –, além de deter o conhecimento teórico e técnico sobre o exercício de uma comunicação eficiente, que estabelece laços e não muros.

Conforme afirma Pierre Lévy no livro *Cibercultura*,

Cada novo sistema de comunicação fabrica seus excluídos. Não havia iletrados antes da invenção da escrita. A impressão e a televisão introduziram a divisão entre aqueles que publicam ou estão na mídia e os outros. (Lévy, 1999, p. 237)

Assim, é de extrema importância que analisemos essa discussão não mais sobre o aspecto do racismo algorítmico, como se estivéssemos terceirizando a culpa do surgimento ou propagação do racismo sobre uma máquina, mas sim, notar como os preconceitos, as violências e opressões cotidianamente reproduzidas na sociedade são incorporadas ao ambiente virtual por meio do *machine learning* e, para além disso, trazer a discussão sob a luz da comunicação e como as práticas discursivas podem produzir outros sentidos.

Essa mudança de perspectiva, que parece simples ao primeiro olhar, pode ser transformadora sobre a forma como enxergamos a tecnologia atualmente, como comunicamos, e para além disso, como enxergamos a nós

mesmos(as). O paradigma agora se volta não mais para a culpabilização do algoritmo – que, com a terceirização da culpa, abre espaço para uma solução que nunca vem –, mas tomamos para nós, enquanto comunicadores em sociedade, a responsabilidade de ter as questões sociais – sobretudo o racismo – como parte central das discussões para evoluirmos de maneira inclusiva, justa e sem preconceitos.

5. Estudos de caso: o uso de IA e as implicações dos vieses algorítmicos racistas

Com o avanço social cada vez mais tecnológico, marcado pela evolução humana em conjunto com as novas tecnologias e a dependência de estar sempre conectado(a), nos desligamos dos impactos que as tecnologias como a Inteligência Artificial causam não só no mundo virtual, mas no cotidiano também.

Mesmo que a inteligência artificial seja desprovida de intencionalidade, a programação e o uso orientado pelos seres humanos, que são seres movidos por intenções, podem trazer malefícios e desvantagens para determinados grupos sociais enquanto favorece outros, proporcionando poder e ascensão.

As inteligências artificiais já possibilitaram o alcance de diversos benefícios em diferentes áreas, seja pela eficiência de processos, diminuição de burocracias, armazenamento de dados, atendimento rápido e assertivo, dentre muitas outras conquistas desbloqueadas pelo uso dessa ferramenta. Em contrapartida, as mesmas também foram aplicadas para reconhecimento facial e aumento do encarceramento de pessoas negras, manipulação de comunicações em campanhas eleitorais, criação de pessoas fictícias para lucrar com a imagem feminina estereotipada, reprodução de violências e ataques racistas, etc.

Vale notar que o racismo é pensado, ainda, como um elemento imanente à construção do próprio estado-nação moderno, na medida em que este se constitui lançando mão de políticas que visavam a conformação do corpo-espécie da população nacional. Noutras palavras, o estado-nação moderno é estruturado racialmente. (Silva; Araújo, 2020)

Em um mundo movido pela tecnologia, na qual a atenção se torna o recurso mais escasso e os dados são a maior riqueza, as sociedades mergulham na IAconectividade para estarem cada vez mais informadas sobre os assuntos do momento na Internet e produzirem conteúdos com o objetivo de estarem presentes naquele espaço, corriqueiramente perdendo-se no tempo e na veracidade das informações. Por meio de casos reais, é possível notar o distanciamento da responsabilidade humana no manuseio de IA e a análise rasa sobre os conteúdos disseminados nas redes.

A seleção dos casos a seguir se deu por amostragem intencional por ilustrarem a relação entre poder, tecnologia, sociedade e racialidade, demonstrando como a determinação do uso das inteligências artificiais pelos seres humanos pode ditar a vida de outras pessoas - sobretudo de grupos sociais que são alvos de preconceito racial - e evidenciando como a (falta de) atuação responsável pelas *big techs* contribui para a disseminação do poder estrutural a favor da branquitude.

5.1 Caso 1: o uso de *deepfake* na campanha eleitoral norte-americana

O ano de eleições nos Estados Unidos evidenciou os perigos do uso de inteligência artificial na política, sobretudo pela distorção escancarada da realidade para conquistar os públicos. Em março de 2024, apoiadores de Donald Trump criaram imagens falsas com inteligência artificial para simular o candidato com supostos apoiadores negros(as) com objetivo de atrair votos desses eleitores.

Vale lembrar que, nas eleições de 2020, o mesmo candidato criticou o movimento negro e, em fevereiro de 2024, afirmou que eleitores negros sentiam-se mais atraídos por ele depois de conhecer seus indiciamentos por acusações criminais. Conhecido também pela postura firme contra a imigração, afirmando que “imigrantes levam genes ruins aos EUA”, o posicionamento e a imagem de Donald Trump são evidentemente construídos sob o orgulho norte-americano e a falsa soberania da branquitude. Em paralelo a esse cenário e contraditoriamente à tais expressões e comportamentos, pesquisas apontam que o candidato cresceu entre o eleitorado negro e latino.

Figura 3: Imagem falsa de Donald Trump rodeado de eleitores negros(as)



Fonte: Deepfake gerada por IA (IN: BBC, 2024).

Figura 4: Deepfake criada por apoiadores de Donald Trump, mostrando o candidato rodeado de eleitores negros.



Fonte Deepfake gerada por IA (IN: BBC, 2024).

Surge, então, o questionamento: quais acessos estão sendo disponibilizados aos públicos para que sejam convencidos a filiare-se a um candidato que aparentemente repudia sua existência? Seguindo esse exemplo e pensando em uma escala global, até onde o preconceito poderá encontrar brechas sob a luz das IA's, falsamente tidas como “responsáveis” pelos

conteúdos arbitrários inventados pelas orientações dos seres humanos, para continuar avançando e sendo enraizado nas sociedades?

Na reta final das eleições norte-americanas, os eleitorados negro e latino são tidos como decisivos para definir o rumo da presidência por lá e, não ironicamente, recebem os holofotes nesse momento apenas para beneficiar as mesmas figuras de poder que historicamente sustentaram o racismo sistêmico no país – o mesmo que assassinou George Floyd em 2020, demonstrando a força do racismo até mesmo em seu sistema legal.

Esse cenário apenas reforça a perversidade do racismo estrutural e como opera a favor da manutenção do poder de determinados grupos sociais que ao longo da história mantiveram controle suficiente para direcionar a comunicação, a manipulação e a criação de um cenário favorável para potencializar suas riquezas e poder. Assim como explica Michel Foucault (1978), a lógica do poder não acontece somente nas instituições, mas permeia as relações humanas e envolve todos os indivíduos – seja como geradores ou receptores deste poder. Em síntese, o poder é praticado por meio de ações que estimulam outras ações de outrem e, assim, perpetuam a sua manutenção.

Na sociedade IAconectada, o poder tem sido sustentado por aqueles que detêm o controle das redes de comunicação, justamente pela dependência e manutenção desses sistemas pelos próprios usuários, seja de maneira direta ou indireta. Imersos em uma realidade virtual que recorrentemente cria fatos e narrativas distorcidas, as sociedades trilham um caminho cada vez mais perigoso rumo à inércia, que contradiz a análise crítica necessária para validar o que se vê na Internet. Mesmo sendo um ambiente que possibilita a troca, o conhecimento e o diálogo, é também a porta de entrada para que as más intenções possam se materializar em discursos de ódio, notícias falsas, violência e uso de imagens falsas para autopromoção.

5.2 Caso 2: Gemini IA e racismo algorítmico em imagens geradas por IA

Ainda em um cenário de poder, especificamente exercido pelas *big techs*, analisemos o caso da Gemini IA, modelo de inteligência artificial desenvolvido pela Google. Lançado em 2023, o modelo foi tido como o mais poderoso já criado pela equipe, sendo capaz de criar imagens, analisar dados rapidamente, emitir relatórios em tempo real, dentre outras funcionalidades que propõem trazer mais facilidade e praticidade para o cotidiano dos usuários.

Na época, a empresa declarou que “o Gemini superou a capacidade humana em um teste de conhecimento e solução de problemas que combina 57 temas, incluindo matemática, física e história” (SILVA, 2024), sendo tão avançada que deveria ser capaz de evitar conteúdos violentos e/ou estereotipados. Em teoria, o projeto audacioso buscava revolucionar o mercado de tecnologia com uma ferramenta de IA mais eficiente, mas, para além da eficiência, ficou conhecido pelas polêmicas envolvendo a criação de imagens racistas pela ferramenta.

Em fevereiro de 2024, usuários começaram a testar a ferramenta solicitando a criação de algumas imagens, sem nenhuma especificação de raça ou etnia, como a de soldados na época da Alemanha nazista e dos “*Founding Fathers*”, um grupo de homens brancos tidos como líderes políticos, que foram responsáveis pela assinatura da declaração de independência dos Estados Unidos e redação da Constituição norte-americana. Como resultado, o Gemini IA criou imagens de soldados alemães negros e uma mulher negra como integrante do grupo dos “Pais fundadores dos EUA”.

Figura 5: Imagens geradas pelo Gemini IA, ferramenta de inteligência artificial da Google, reproduzindo estereótipos racistas na simulação de cenas históricas.



Fonte: Reprodução/X (IN: G1, 2024).

Com isso, usuários começaram a criticar o comportamento racista da plataforma e a questionar a Google sobre as imagens geradas de forma equivocada. A empresa suspendeu a criação de imagens humanas na ferramenta e lançou uma nota reconhecendo a falha:

Estamos cientes de que Gemini apresenta imprecisões em algumas representações históricas de geração de imagens. Aqui está nossa declaração: Estamos trabalhando para melhorar esse tipo de representação imediatamente. A geração de imagens de IA do Gemini gera uma ampla gama de pessoas. E isso geralmente é bom porque pessoas ao redor do mundo o usam. Mas está errando o alvo aqui. (G1, 2024).

O Gemini foi programado para criar imagens com variedade étnica, o que o diferenciava da concorrência e abria espaço para conquistar maior aderência dos usuários. Entretanto, o que poderia ser uma característica positiva, acabou caindo no extremo da irrealidade e alucinação tecnológica.

Vale considerar que não é de hoje que o algoritmo do Google é acusado de racismo pelos usuários. Em 2016, um jovem pesquisou as palavras “*three black teenagers*” no buscador do Google e obteve como resultado fotos de pessoas negras presas, enquanto que, ao fazer a mesma pesquisa substituindo o termo “*black*” por “*white*”, apareceram jovens brancos sorridentes, evidenciando o estereótipo racista sobre pessoas negras promovido pela própria ferramenta de pesquisa do Google.

Figura 6: Diferença das fotos que aparecem na pesquisa do Google ao buscar por “três jovens negros” e “três jovens brancos”, realizada em 2016.



Fonte: Cristina Pereda. (IN: El País, 2016).

Já em 2023, um novo episódio de racismo tendo a plataforma de aplicativos do Google como impulsionadora reviveu a discussão. Um jogo que simula a escravidão, propondo que o usuário seja um “dono(a) de pessoas escravizadas” e violenta pessoas negras foi disponibilizado na Google Play. Além do número chocante de usuários e comentários aprovando o jogo, a disponibilidade de um jogo que brinca com as feridas profundas deixadas pela escravidão, sobretudo em um país onde pessoas morrem todos os dias pela ação do racismo estrutural e são invisibilizadas apenas pela cor da pele, é inadmissível. Após a opinião pública negativa, a empresa retirou o jogo do ar.

Figura 7: Jogo que simula a escravidão disponibilizado na Google Play em 2023.



Fonte: José Vicente. (IN: Veja, 2023).

Figura 8: Avaliações sobre o aplicativo “Simulador de Escravidão” na Google Play.



Fonte: Poliana Casemiro e Artur Nicoceli. (IN: G1, 2023).

A resposta rápida da organização frente a esses erros e a promessa de mudanças estruturais para corrigi-los foi essencial para trazer à tona a responsabilidade das *big techs* frente a possíveis ofensas e conteúdos falsos que possam ser reproduzidos pelas tecnologias artificiais, mas não são suficientes. Com a intersecção do mundo virtual com o real, as violências produzidas na Internet vão além das telas e se estendem para as relações sociais, podendo ser até mais prejudiciais pelo alarde causado pelas interações em tempo real e pela naturalização da violência no imaginário social.

Os microinsultos, muitas vezes mascarados sob a forma de piadas ou críticas veladas, são comentários sutis que desonra a identidade racial de uma pessoa. As microinvalidações buscam negar ou invalidar as experiências raciais de indivíduos, minimizando a importância de suas vivências e percepções. A deseducação ocorre quando informações errôneas ou estereótipos são disseminados, promovendo a ignorância e perpetuando concepções prejudiciais sobre grupos raciais específicos. Por fim, a desinformação, deliberada ou não, manifesta-se através da propagação de notícias falsas e narrativas distorcidas que reforçam estereótipos e promovem a discriminação racial de forma insidiosa no ambiente virtual. (Araújo; Araújo, 2024)

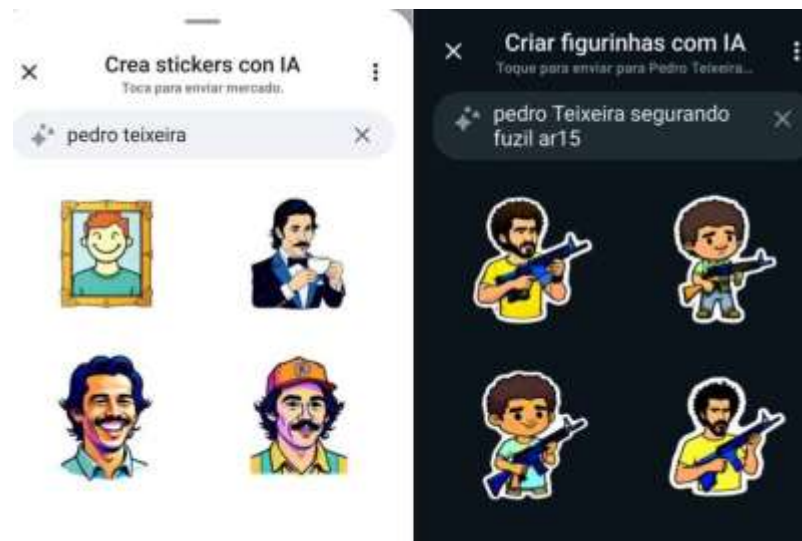
Com isso, nota-se o quanto estamos avançando nas discussões raciais e de poder, mas ainda há muito o que ser feito para que possamos contar com a vigilância das *big techs* sobre os conteúdos emitidos em seus canais digitais e o pleno compromisso pelo desenvolvimento de tecnologias que não reproduzam estereótipos e preconceitos. Assim como a produção de novas tecnologias para ganhar mais dinheiro e dados dos usuários está no controle das grandes organizações, a responsabilidade social e ética devem ocupar o mesmo nível de prioridade.

Mas, a Google não é a única big tech acusada de criar inteligências artificiais que acabam perpetuando a violência do racismo estrutural.

5.3 Caso 3: Meta e a criação de figurinhas racistas no WhatsApp

Em julho de 2024, a Meta, empresa criadora de redes sociais como WhatsApp, Instagram e Facebook, foi acusada de racismo algorítmico ao criar imagens de crianças negras segurando fuzis com inteligência artificial no WhatsApp. O recurso que permite criar figurinhas com comando de texto chegou ao Brasil recentemente, mas já foi suficiente para evidenciar que, mesmo com tantos avanços tecnológicos, os vieses racistas continuam presentes nas inteligências artificiais.

Figura 9: Figurinhas criadas pela MetaIA, a Inteligência artificial da Meta no WhatsApp, e a distinção das imagens quando solicitado com o nome “Pedro Teixeira” e quando se adiciona a descrição “segurando fuzil ar15”.



Fonte: Pedro S. Teixeira. (IN: Folha Uol, 2024).

Quando questionada sobre o ocorrido, a empresa informou que não iria se pronunciar, deixando evidente como a falta de comprometimento das big techs com as questões sociais ainda é uma pauta urgente a ser discutida. Em entrevista à Folha, a cientista da computação Nina da Hora explica que

À medida que aprende com os dados, a inteligência artificial carrega preconceitos, equívocos e distorções que reforçam estereótipos existentes, e então os libera de volta ao mundo, criando um círculo vicioso. (Teixeira, 2024)

Complementando a responsabilidade social necessária por parte das organizações, esse caso é mais um dos que demonstram como o racismo estrutural é global, naturalizado e está enraizado nas sociedades, sendo cada vez mais importante levantar discussões acerca do tema para promover mudanças reais.

5.4 Caso 4: Prisão injusta apontada por reconhecimento facial

Apesar de serem ferramentas úteis, a falha das tecnologias de reconhecimento facial na segurança pública não é novidade.

Em abril de 2024, João Antonio Trindade foi mais uma vítima do erro das tecnologias utilizadas para identificar criminosos e prender pessoas. Durante um campeonato de futebol, João foi abordado no meio da torcida pela polícia e levado até uma sala para ser interrogado. Vale considerar que, pelas imagens, nota-se que o mesmo não resistiu em nenhum momento, mas, mesmo assim, foi submetido ao constrangimento de sair do estádio algemado.

Acontecimentos como esse não são raros na sociedade brasileira e evidenciam o despreparo na adoção das tecnologias de reconhecimento facial, que são capazes de deixar sequelas para uma vida toda. Não se trata apenas de um mero erro, mas sim, de uma situação de perigo, medo, constrangimento e vulnerabilidade para quem sofre com tamanha violência.

Atualmente, os sistemas de reconhecimento facial apresentam margem de erro de 8%. Como mostra Daniel Edler, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, mesmo que a tecnologia apresentasse 99,9% de acertos, ainda teriam dez mil casos de erros por dia. Ao considerarmos a intersecção de raça e gênero, esse dado se torna ainda mais alarmante ao constatar-se que as mulheres negras são as que mais sofrem com erros em abordagens de reconhecimento facial, sobretudo quando comparadas com pessoas brancas.

Em contrapartida, quando pensamos nos mecanismos de segurança e acolhimento oferecidos às pessoas negras e grupos socialmente marginalizados, estes não recebem tanto incentivo quanto às tecnologias – e são ainda mais urgentes. Por isso, o debate sobre segurança pública, tecnologia e racismo são necessários para que seja possível questionar as estruturas de poder em busca de mudanças.

6. Considerações finais

Apesar de ter sido criada há mais de 70 anos atrás e avançando tecnologicamente com o tempo, a inteligência artificial segue transformando a sociedade e a sua forma de interagir, se expressar, produzir e estar no mundo. As relações humanas baseadas na tecnologia pendem entre o espaço da criatividade e inovação contra a superficialidade e a inércia, materializadas pelo uso cada vez maior dos usuários, que automaticamente leva ao afastamento de pessoas que estão perto e aproximando quem está a quilômetros de distância.

Para além da possibilidade de ultrapassar tempo e espaço, o uso da inteligência artificial generativa no ambiente virtual já evidencia alguns impactos, como no mercado de trabalho, com o surgimento de novos cargos e desaparecimento de outros, com a criação de novas oportunidades de negócio e a aceleração do capitalismo tecnológico, dado sobretudo pelo avanço das *Big Techs* que monopolizam o mercado e os dados dos usuários, analisando seus comportamentos e como essas informações serão utilizadas para atingir seus próprios objetivos organizacionais.

Nesse cenário, ao refletirmos sobre as questões raciais e de poder, a discussão se torna ainda mais urgente. O racismo estrutural naturalizado e enraizado nas sociedades é tomado por uma nova roupagem através do viés algorítmico racista, que reproduz as violências sociais que existem há séculos contra pessoas historicamente subalternizadas e colocadas em um lugar de inferioridade.

Os cinco casos selecionados para o estudo demonstram a forma como a inteligência artificial pode servir como ferramenta para distorcer a realidade - como na utilização de *deepfake* para gerar imagens que favorecem a um candidato político - ou reforçar estereótipos racistas por meio do viés algorítmico, por meio da caracterização de pessoas negras como bandidas, violentas e perigosas. Apesar de ser chocante o fato de uma tecnologia ser racista, esse fato evidencia o quão racista as próprias sociedades são, afinal, as máquinas são programadas por humanos e aprendem a ler o mundo a partir dos nossos próprios hábitos. Entender que nós, seres humanos, ensinamos as máquinas a

serem racistas é a primeira etapa para repensar as conjunturas sociais e promover algum tipo de mudança - a começar por nós mesmos(as). Caso contrário, as máquinas continuarão a reproduzir preconceitos e as estruturas de poder, baseadas no privilégio de determinados grupos sociais sobre outros, persistirá.

Durante a participação do *podcast* Mano a Mano, Sueli Carneiro (2023) afirma que “o maior medo do Brasil é ver uma consciência negra acontecer”, e isso só será possível com o combate incessante ao racismo e o comprometimento da luta antirracista por toda a sociedade. Quando a desigualdade social e os preconceitos são naturalizados, seja no mundo real ou virtual, automaticamente contribui-se com o genocídio do povo negro brasileiro, conforme explica Abdias do Nascimento (1978), que se atualiza aos moldes da atualidade.

Ao focar somente no poder e no lucro, as novas tecnologias são produzidas de forma acelerada e competitiva, baseadas em códigos que reproduzem a discriminação. Diante disso, é fundamental que reconheçamos as responsabilidades de cada indivíduo, sobretudo quando aplicado no uso da inteligência artificial, para manter a vigilância sobre os conteúdos criados, as formas de combater a violência e as *fake news*, fortalecendo o uso ético das tecnologias para gerar transformações verdadeiramente eficientes. Muito além do poder das *Big Techs*, a pressão social liderada por líderes de opinião pode provocar grandes mudanças, seja pelo boicote às atitudes racistas dos algoritmos e das grandes corporações - que se veem obrigadas a mudarem sua postura diante do racismo estrutural; seja por meio da pressão pela atuação mais rígida da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e contra o crime de racismo.

Apesar dos benefícios que as IAs podem trazer, a desconfiança, o medo e as práticas de violência por meio da tecnologia são desafios que ainda estão pendentes de solução, revelando o impacto negativo que o mau uso da ferramenta pelos humanos pode causar.

Assim, faz-se necessário que a sociedade esteja atenta aos movimentos de avanço da inteligência artificial, apoiando a sua regulamentação e prezando

pela segurança dos dados e da privacidade de cada usuário. Enquanto navegam pelas redes, nem todas as pessoas permanecem atentas à forma como os algoritmos operam para colher suas informações e levar conteúdos cada vez mais personalizados, com o intuito de captar a atenção para promover a venda de algum produto e/ou serviço.

Enquanto a sociedade sustenta uma expectativa positiva e esperança cautelosa em torno da IA, a ética segue sendo um ponto crucial de atenção dos públicos, que exigem esse comportamento por parte das organizações e denunciam o uso antiético dos dados, inflamando as discussões sobre privacidade, cibersegurança, plágio e falta de transparência.

Enquanto relações-públicas, é necessário discutir profundamente a adaptação dos profissionais de comunicação em um mundo cujas interações se tornam cada vez mais complexas e a comunicação é produzida de forma cada vez mais acelerada. Para além da intermediação dos relacionamentos das organizações com seus *stakeholders*, a ampliação do mercado de RP trouxe consigo a necessidade de novas habilidades em diferentes campos de atuação, exigindo que a transformação da profissão acompanhe as mudanças sociais.

O trabalho em questão não encerra a discussão sobre o papel das Relações Públicas na sociedade IAconectada, mas sim, propõe o pensamento crítico sobre as perspectivas do futuro da IA e seus desdobramentos sobre os públicos e as relações humanas - seja entre organizações e *stakeholders* ou entre indivíduos sociais.

Referências bibliográficas

ADI, Ana. (Eds., 2023) **Artificial Intelligence in Public Relations and Communications: cases, reflections, and predictions**. Quadriga University of Applied Sciences. Berlin. Disponível em: < https://www.quadriga-hochschule.com/app/uploads/2023/09/QHS_Artificial_Intelligence_in_Public_Relations_Communications_2023.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2024.

ARAÚJO, Júlio; ARAÚJO, Júlio. Racismo algorítmico e inteligência artificial: uma análise crítica multimodal. *Revista Linguagem em Foco*, v.16, n.2, 2024. p. 89-109. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13108>>.

ARCOVERDE, Léo. 2024. **Estado de SP registra uma denúncia de racismo por dia entre janeiro e agosto deste ano, aponta levantamento**. Disponível: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/09/10/estado-de-sp-registra-uma-denuncia-de-racismo-por-dia-entre-janeiro-e-agosto-deste-ano-aponta-levantamento.ghtml>>. Acesso em 08 de setembro de 2024.

BATISTA, Daiane. 2023. **Tarcízio Silva: “O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural”**. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=Tarcizio-Silva-O-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural>>. Acesso em 07 de setembro de 2024.

CARNEIRO, Felipe. 2024. **Os investimentos bilionários das Big Techs em empresas de IA**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/os-investimentos-bilionarios-das-big-techs-em-empresas-de-ia>>. Acesso em 08 de setembro de 2024.

CASEMIRO, Poliana; NICOCELI, Artur. **Google tira do ar jogo 'Simulador de Escravidão', que permitia castigar e torturar pessoas negras**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/24/google-tira-do-ar-jogo-simulador-de-escravidao.ghtml>>. Acesso em 31 de outubro de 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONSELHO EUROPEU. 2024. **Regulamento Inteligência Artificial**. Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/artificial-intelligence/>>. Acesso em 29 de setembro de 2024.

COZMAN, Fabio G; NERI, Hugo; PLONSKI, Guilherme Ary. **Inteligência artificial: avanços e tendências**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/naty-/OneDrive/Documentos/USP/TCC/omp,+Gerenciar+editora,+Inteligencia_Artificial_miolo-bx__3_.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2024.

DILMEGANI, C. (2022) **Bias in AI: What it is, Types, Examples & 6 Ways to Fix it in 2022**. AIMultiple. Disponível em: <<https://research.aimultiple.com/ai-bias/>> Acesso em 27 de setembro de 2024.

DINO. 2023. **Como o uso de IA pode impactar a comunicação na internet?**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2023/05/como-o-uso-de-ia-pode-impactar-a-comunicacao-na-internet.ghtml>>. Acesso em 07 de outubro de 2024.

DURÃES, Uesley. **Reconhecimento facial: erros expõem falta de transparência e viés racista.** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/04/28/reconhecimento-facial-erros-falta-de-transparencia.htm>>. Acesso em 31 de outubro de 2024.

EQUIPE INFOMONEY. 2024. **Empresas vão investir R\$ 36 bi em comunicação em 2024, prevê estudo.** Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/business/empresas-vao-investir-r-36-bi-em-comunicacao-em-2024-preve-estudo/>>. Acesso em 07 de outubro de 2024.

FARIAS, Júlia. 2024. **Caso João Pedro: Justiça do Rio absolve PMs acusados pela morte do adolescente.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/caso-joao-pedro-justica-do-rio-absolve-pms-acusados-pela-morte-do-adolescente/>>. Acesso em 07 de setembro de 2024.

FOSSÁ, Maria Ivete T; FERNANDES, Fabio Frá; SOARES, Gibsy Lisiê C. **Estratégias de comunicação e relações públicas em contextos organizacionais emergentes.** Belo Horizonte, MG: Poisson, 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 1978. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016.

GRUNIG, James E; FRANÇA, Fábio e FERRARI, Maria Aparecida. **Relações públicas: teoria, contexto e relacionamentos.** São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009.

G1. **Google pausa geração de imagens do Gemini após IA apresentar erros raciais e históricos.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/02/22/google-pausa-geracao-de-imagens-do-gemini-apos-ia-apresentar-erros-raciais-e-historicos.ghtml>>. Acesso em 31 de outubro de 2024.

G1. **Inteligência artificial: mulheres negras sofrem mais erros em abordagens de reconhecimento facial do que brancos.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2024/02/15/inteligencia-artificial-mulheres-negras-sofrem-mais-erros-em-abordagens-de-reconhecimento-facial-do-que-brancos.ghtml>>. Acesso em 31 de outubro de 2024.

GONGORA, Angela Daniele. **O que é inteligência artificial?**. 2024. Disponível em: <<https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/6515-6514-1-PB.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2024.

IBM. **O que é inteligência artificial.** Disponível em: <<https://www.ibm.com/br-pt/topics/artificial-intelligence>>. Acesso em 10 de novembro de 2024.

KAUFMAN, Dora. **A inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana?**. Barueri, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEONHARD, Gerd. **Tecnologia versus humanidade: o confronto futuro entre a Máquina e o Homem.** Lisboa: Gradiva Publicações SA. 2017.

LOPES, André. 2024. **Cerca de 80% das empresas no Brasil investiram ou vão investir em IA nos próximos 12 meses.** Disponível em: <<https://exame.com/inteligencia-artificial/cerca-de-80-das-empresas-no-brasil-investiram-ou-vao-investir-em-ia-nos-proximos-12-meses/>>. Acesso em 07 de outubro de 2024.

LORENZO, Alessandro Di. 2024. **Ataques cibernéticos crescem quase 70% no Brasil em um ano.** Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2024/07/19/seguranca/ataques-ciberneticos-crescem-quase-70-no-brasil-em-um-ano/>>. Acesso em 07 de outubro de 2024.

LUCCA, Bruno. 2024. **Registros de casos de racismo aumentaram 127% no Brasil em 2023; injúria racial também cresce.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/07/registros-de-casos-de-racismo-aumentaram-127-no-brasil-em-2023-injuria-racial-tambem-cresce.shtml>>. Acesso em 18 de setembro de 2024.

MAZENOTTI, Priscilla. **Desigualdade no Brasil atinge principalmente mulheres negras.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2024-05/desigualdade-no-brasil-atinge-principalmente-mulheres-negras>>. Acesso em 28 de maio de 2024.

MELLO, Patrícia Campos. **Informação não é conhecimento, e IA é a tecnologia mais poderosa da história, diz Yuval Harari.** 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/09/informacao-nao-e-conhecimento-e-ia-e-a-tecnologia-mais-poderosa-da-historia-diz-yuval-harari.shtml>>. Acesso em 10 de novembro de 2024.

NARESSI, Cássio. 2024. **Tendências 2024: mercado da comunicação mira de digitalização à Inteligência Artificial e além.** Disponível em: <<https://tiinside.com.br/12/02/2024/tendencias-2024-mercado-da-comunicacao-mira-de-digitalizacao-a-inteligencia-artificial-e-alem/>>. Acesso em 07 de outubro de 2024.

PERRY, I. **More Beautiful and More Terrible: The Embrace and Transcendence of Racial Inequality in the United States.** New York, NY: New York University Press, 2011.

REDAÇÃO. 2024. **Mulheres negras e pardas têm menor acesso ao mercado de trabalho**. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/geral/2024/03/mulheres-negras-e-pardas-tem-menor-acesso-ao-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em 8 de março de 2024.

REDAÇÃO BRASIL DE FATO. 2024. **57% dos brasileiros têm condições precárias de acesso à internet, revela pesquisa**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/04/24/57-dos-brasileiros-tem-condicoes-precarias-de-acesso-a-internet-revela-pesquisa>>. Acesso em 17 de setembro de 2024.

REDAÇÃO IHU. 2024. **“O capitalismo monopolizou a tecnologia e a utiliza para precarizar a sociedade”**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603907-o-capitalismo-monopolizou-a-tecnologia-e-a-utiliza-para-precarizar-a-sociedade>>. Acesso em 29 de setembro de 2024.

REDAÇÃO HOMEWORK. 2024. **Clientes fiéis gastam 67% a mais que novos consumidores, diz pesquisa**. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/clientes-fieis-gastam-67-a-mais-que-novos-consumidores-diz-pesquisa,65abf33219b63a5e8c5b1412a7330a26yip6ezpr.html>>. Acesso em 07 de outubro de 2024.

ROGERS, Everett M.; SHOEMAKER, F. Floyd. **Communication of innovations: a cross-cultural approach**. 2. ed. New York: The Free Press, 1971.

SANTOS, Fábio. 2024. **Negros têm quase 4 vezes mais chances de serem mortos pela polícia do que brancos, mostra Anuário de Segurança Pública**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/07/18/letalidade-policial-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>>. Acesso em 18 de julho de 2024.

SANTOS, Patricia. 2024. **Jovem negro é assassinado por PMs de SP enquanto vendia balas em semáforo**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/jovem-negro-e-assassinado-por-pms-de-sp-enquanto-vendia-balas-em-semaforo,8b7634b890d40ff15cd732d8e36366221mqdz9oe.html#google_vignette>. Acesso em 07 de setembro de 2024.

SCHWINGEL, Maurício. 2024. **Global Overview Report e Digital 2024: Saiba quais são os principais insights**. Disponível em: <<https://www.conversion.com.br/blog/global-overview-report/>>. Acesso em 07 de outubro de 2024.

SEBASTIÃO, Sónia Pedro. **Inteligência artificial em Relações Públicas? Não, obrigado. Percepções dos Profissionais de Comunicação e Relações Públicas europeus**. Universidade de Lisboa, Portugal. 2019.

SERPA, Verônica. 2024. **Mulheres pretas e pardas são mais da metade das vítimas de violência no Brasil, diz relatório**. Disponível em:

<<https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mulheres-pretas-e-pardas-sao-mais-da-metade-das-vitimas-de-violencia-no-brasil-diz-relatorio/>>. Acesso em 07 de setembro de 2024.

SILVA, Mozart Linhares da; ARAÚJO, Willian Fernandes. **Biopolítica, racismo estrutural-algorítmico e subjetividade**. Educação Unisinos, Rio Grande do Sul. 2024. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/64758605/20538_60769207_1_PB-libre.pdf?1603554076=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DBiopolitica_racismo_estrutural_algoritmi.pdf&Expires=1730426215&Signature=Cn5Os4RHZJN6VUF2SbMC84qe6fpPF5zT-QSoVr4IfgOSnGVXH3XY2hyYgoU1f8cqpwYiw1xuX4RwZletVJtWjv7BwJD9nnxbWjgoVzvVrxu-pN89WbKNmnVHk0bO9rgLru8nNi5X6T9IWXK-j-MIOtrzW~vDAgmSy67dgSuQRfKcde~nlod4UzBdT~n~Sb9a6cy~eldqKSyuBR65G19SQmn9xtdU0hICxPmdNtAFXvkPUaLUz~SxOW~5EJB4oW3gJr9itrQJkhiKqbu13HD0NEFI4Cj9OrtKpbb97Pxoy9fWEFZF8bNVjX64UfYS6FEed6JXvji466wK0FKakOmCbRQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA.

SILVA, Tarcizio. **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SILVA, Tarcizio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos**. LiteraRUA. São Paulo, 2021.

SILVA, Victor Hugo. **Google lança Gemini, sua inteligência artificial mais poderosa; veja como ela funciona**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/12/06/google-lanca-gemini-sua-ia-mais-poderosa-entenda-como-ela-vai-funcionar.ghml>>. Acesso em 31 de outubro de 2024.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Cidadania e redes digitais**. 2010. Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias. 1ª ed. São Paulo. Disponível em: . Acesso em 17 set. 2024.

SOUSA, Bruno. 2024. **Panóptico: reconhecimento facial renova velhas táticas racistas de encarceramento**. Disponível em: <<https://observatorioseguranca.com.br/panoptico-reconhecimento-facial-renova-velhas-taticas-racistas-de-encarceramento/>>. Acesso em 08 de setembro de 2024.

STASIAK, Daiana; CASAROLI, Lutiana; CARARETO, Mariana. **Perspectivas da pesquisa e dos pesquisadores em Relações Públicas na atualidade**. 1ª edição. Goiás, GO: Cegraf UFG, 2023.

TEIXEIRA, Pedro S. **IA do WhatsApp gera imagens de crianças armadas e associa fuzis a pessoas negras**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2024/06/ia-do-whatsapp-gera-imagens-de-criancas-armadas-e-associa-fuzis-a-pessoas-negras.shtml>>. Acesso em 31 de outubro de 2024.

TAULLI, Tom. **Introdução à inteligência artificial**. São Paulo, SP: Novatec Editora LTDA, 2020.

TERRA, Carol; SCHEID, Daiane; MACHADO, Jones; PÉRSIGO, Patrícia M. **Insights para a comunicação organizacional**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM. 2024.

TERRA, Carolina Frazon. **Usuário-mídia: a relação entre a comunicação organizacional e o conteúdo gerado pelo internauta nas mídias sociais**. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-02062011-151144/>>. Acesso em: 15 set. 2024.

TORRES, Lívia. 2024. **2 anos sem Kathlen Romeu: 'Os assassinos estão soltos, vivendo a vida deles', diz mãe de grávida morta por PM**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/06/08/2-anos-sem-kathlen-romeu-os-assassinos-estao-soltos-vivendo-a-vida-deles-diz-mae-de-gravida.ghhtml>>. Acesso em 07 de setembro de 2024.